



DERMORRAFIA EM UM JABUTI-PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*)¹

DERMORRHAGE IN A RED-FOOTED TORTOISE (*Chelonoidis carbonaria*)

Natália Karianne Brandenburg², Gabriella De Nardin Peixoto³, Guilherme Rech Cassanego⁴, Anita Marchionatti Pigatto⁵, Carolina Cauduro da Rosa⁶, Luis Felipe Dutra Corrêa⁷

¹ Caso acompanhado pelo Serviço de Oftalmologia e Microcirurgia Veterinária do Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

² Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

³ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

⁴ Mestrando da Pós-graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista Capes.

⁵ Mestranda da Pós-graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista CNPq.

⁶ Mestranda da Pós-graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista CNPq.

⁷ Professor do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

Entre os quelônios terrestres pertencentes à família Testudinidae, ordem dos Testudines, estão os jabutis (PRITCHARD et al., 1990). Estes, possuem bico córneo consistido de maxila e pré-maxila queratinizada e mandíbula igualmente queratinizada, corpo robusto, carapaça arqueada e membros locomotores fortes apropriados para suportar o peso do casco e caminhar em ambientes rústicos (DUTRA, 2014).

As duas espécies de jabuti distribuídas no Brasil são a *Chelonoidis carbonaria* (jabuti-piranga, o mais comum) e a *Chelonoidis denticulata* (jabuti-tinga) (DUTRA, 2014). O jabuti Piranga tem como característica apresentar manchas vermelhas na cabeça e nas patas, o que lhe confere o nome popular de “Piranga”, ou seja, “Patas Vermelhas” (RODRIGUES, 2016) e é encontrado naturalmente em diferentes regiões da América do Sul, como no Brasil, Argentina, Venezuela, Equador, Guiana Francesa, Bolívia e Paraguai (SANTOS, 2020; MOTAL et al., 2018).

Em um estudo realizado por Martínez-Torres (2010) foi observado que os machos de jabuti são territorialistas e costumam brigar com outros machos da mesma espécie por seu território, dando fortes golpes do casco do oponente e mordendo suas extremidades. Essas



disputas territoriais podem acabar ocasionando diferentes tipos de lesões que necessitam de diferentes abordagens terapêuticas. Sendo assim, o objetivo deste estudo é relatar o tratamento da ferida e a dermorráfia pela primeira intenção em um Jabuti-piranga.

METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário, um jabuti-piranga, macho, adulto, de idade desconhecida, pesando 3,150 Kg, proveniente de um mantenedouro de fauna, apresentando uma lesão com áreas desvitalizadas na região submandibular em decorrência da disputa territorial com outros jabutis do mesmo recinto. Durante o exame físico, o paciente foi classificado com uma ferida por avulsão de pele e subcutâneo, sendo causada por uma possível mordedura.

O paciente recebeu anestesia dissociativa com cloridrato de cetamina na dose de 20mg/kg, xilazina na dose de 1mg/kg e morfina na dose de 1mg/kg via intramuscular (IM). Posteriormente, foi realizada lavagem abundante da ferida com solução fisiológica estéril NaCl 0,9% associada à solução iodada à 1%, no mesmo frasco, seguido de revitalização por escarificação dos bordos desvitalizados da ferida até sangramento. A abolição do espaço morto do subcutâneo foi realizada no padrão “*Walking Suture*” e dermorráfia no padrão Wolf, ambos com fio inabsorvível sintético monofilamentar de poliamida 3-0. Como terapia de apoio foi administrado enrofloxacino na dose de 30mg/kg via IM. Após recuperação anestésica e alta médica, o paciente retornou para o mantenedouro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As feridas são definidas como soluções de continuidade da pele ou mucosas com profundidades variáveis, são classificadas quanto ao tempo e progressão da infecção, quanto à causa, quanto às estruturas envolvidas e quanto à apresentação clínico-cirúrgica (SCHOSSLER, 2013). O paciente em questão apresentou ferida por avulsão, de Classe 2, traumática, superficial e aberta. As feridas por avulsão são aquelas que apresentam despregamento subcutâneo, resultando no arrancamento da pele, geralmente pouco sangrentas, de grande espaço morto, que podem formar galerias no subcutâneo (SCHOSSLER, 2013).



Por se tratar de uma ferida de classe 2, faz-se necessário o uso profilático de antibiótico 30 min antes ou durante a manipulação da ferida e, pelo mesmo motivo, deve-se fazer uso do fio de nylon, pois esse não sofrerá ação do pH ácido de uma possível infecção (SCHOSSLER, 2013), justificando a metodologia utilizada no presente estudo.

O tratamento básico e inicial deve constar de lavagem exaustiva da ferida, em jatos, com solução fisiológica estéril, até a saída de um líquido limpo e cristalino para depois iniciar a revitalização dos bordos (SCHOSSLER, 2013). A técnica mais indicada para a abolição do espaço morto de feridas por avulsão, onde ocorre despregamento do subcutâneo e pele como diagnosticado no paciente em questão a sutura de Walking Suture é a mais indicada concordando com Schossler (2013), que através de pontos isolados, reduz o espaço morto e aproxima as bordas, e os pontos isolados são intercalados para que não prejudiquem o aporte sanguíneo do local.

Segundo Dutra (2014), a cicatrização de feridas em répteis ocorre de maneira semelhante aos mamíferos, porém o processo é mais lento e, conseqüentemente, a remoção da sutura geralmente é realizada somente 4 a 6 semanas após a síntese, e o sucesso do fechamento se dá por meio de suturas de pele bem feitas. Corroborando com o resultado observado após 5 semanas de acompanhamento deste caso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da cirurgia reconstrutiva para ferida por avulsão de pele na espécie *Chelonoidis carbonaria*, utilizando o padrão Walking Suture para de acordo com a metodologia utilizada se mostrou efetivo na espécie resultando em cicatrização de forma efetiva com ausência de infecção e deiscência de sutura.

Palavras-chave: Feridas. Quelônios. Reconstrutiva. Réptil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTÍNEZ-TORRES, V. A.; ALDANA, L. E.; DE LA OSSA, V. J. Comportamiento en cautiverio del morrocoy (*Geochelone carbonaria*) durante la época reproductiva. **Revista Colombiana de Zootecnia**, Colômbia, v.2, n.1, p.4-22, 2010.



DUTRA, G. H. Testudines (Tigre d'água, Cágado e Jabuti). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C.; CATÃO-DIAZ, J. L. **Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2014.

RODRIGUES, L. L. **Frugivoria e dispersão de sementes pelo Jabuti-Piranga *Chelonoidis carbonaria***. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) - Universidade Estadual Paulista - Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro - SP, 2016.

MOTAL, S. L. S.; CAMPOS, M.; LAUDARIL, E.; SANTILONI, V. et al. Chromosomal analysis of *Chelonoidis carbonaria* and *Chelonoidis denticulata* kept in captivity. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 16, n.1, p.71-73, 2018.

SANTOS, I. G.; NETO, M. B. O. N.; OLIVEIRA, M. R.; SCHETTINO, S. C. et al. Prótese parcial removível de carapaça na reabilitação de Jabuti-Piranga (*Chelonoidis carbonaria* SPIX, 1824): relato de caso. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, Jandaia, v.17, n.34, p.417, 2020.

PRITCHARD, P.; ERNEST, C. H.; BARBOUR, R. Turtles of the world. **Copeia**, Washington, v.1990, n.2, p.602-607, 1990.

SCHOSSLER, J.E.W. Feridas. In: **Conceitos básicos de clínica cirúrgica veterinária**. 1. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p.17-32.